A HISTORIOGRAFIA DA TRADUÇÃO NO SÉCULO XIX: DEMANDAS E PRODUTOS EM LÍNGUA FRANCESA¹

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo²

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que visou testar a afirmação de George Steiner de que já existiria, antes do contexto dos Estudos de Tradução, uma Historiografia da Tradução. Tendo como recorte temporal o século XIX e por língua o francês, foi organizado um problema de investigação histórica com dois conjuntos de questões: (1) havia demanda social para obras de historiografia da tradução no século XIX? Quais eram e de onde partiam essas demandas? (2) Que obras foram publicadas? Quem as escreveu? Qual a natureza de seu conteúdo? Sob os critérios atuais, tais obras podem ser consideradas constitutivas de um *corpus* de obras historiográficas da Tradução? Para testar se a natureza das obras encontradas se enquadraria em uma classificação contemporânea, foram utilizados os modelos de análise historiográfica de Brigitte Lépinette.

Palavras-chave: Estudos de Tradução. Historiografia da Tradução. Histórico-descritivo. Traduções francesas. Século XIX.

Abstract

This article is the result of a research that aimed at George Steiner's statement that there would already be, before the context of Translation Studies, a Historiography of Translation. Having the 19th century as time frame and French as the language of study, a historical investigation problem was organized with two sets of questions: (1) Was there a social demand for translation historiography works in the 19th century? Which were they and where did they come from? (2) Which works were published? Who wrote them? What is the nature of their content? Under contemporary criteria, could such works be considered as belonging to a corpus of translation historiography works? In order to test if the nature of such works could fit a contemporary classification, we used the Brigitte Lépinette's historiography analysis models.

Keywords: Translation Studies. Translation Historiography. 19th century. Descriptive historical. French translations.

1. Introdução

Na sua monumental obra *Depois de Babel*, George Steiner propõe uma periodização para a “bibliografia sobre teoria, prática e história da tradução”

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Lexicografia, Terminologia e Tradução: relações textuais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil). cristianmacedoxix@gmail.com

(STEINER, 2005, p. 259). Apesar de não ser adotada por grande parte dos historiadores da tradução, talvez por sua natureza um tanto idiossincrásica, é uma das tentativas contemporâneas de se organizar etapas cronológicas para os objetos dos Estudos de Tradução.

São quatro períodos. O primeiro teria iniciado com os preceitos de Cícero, em 46 a.C., no *Libellus de optimo genere oratorum* e iria até 1804, quando Friedrich Hölderlin comentou suas traduções de Sófocles. É um “longo período no qual análises e pronunciamentos seminais brotam diretamente do empreendimento do tradutor”. O segundo período teve início com o discurso *Sobre os diferentes métodos de traduzir* de Friederich Schleiermacher, em 1813. Para Steiner, foi uma época de escritos hermenêuticos sobre a tradução e de uma historiografia da tradução. O terceiro período, o “contexto moderno”, começa no final dos anos 1940, quando se iniciam os estudos sobre a tradução automática, o uso de teorias linguísticas e estudos estatísticos. Um quarto período teria começado na década de 1960 e seria marcado pelo retorno à hermenêutica, sob a influência de pensadores como Heidegger e Hans-George Gadamer (STEINER, 2005, p. 259-261).

É constantemente lembrado, em trabalhos de Historiografia da Tradução, que a primeira grande obra totalmente dedicada ao tema é *Os Tradutores na História* de Judith Woodsworth e Jean Delisle (primeira edição em 1995). Anterior a ela, normalmente são citados alguns capítulos históricos inseridos em importantes obras como *Les Belles Infidèles* (1955) e *Teoria e Storia della Traduzione* (1965) de Georges Mounin, e *Estudos de Tradução* (1980) de Susan Bassnett. Sobre o que se produziu antes deles, algumas poucas obras esparsas são incluídas como “dignas de nota”, em nossa história disciplinar (HURTADO ALBIR, 2007, p.100).

Todavia, não se pode relegar a segundo plano nenhum vestígio de demanda social, ou obra a respeito de uma Historiografia da Tradução, mesmo que anterior ou fora dos quadros acadêmicos dos Estudos de Tradução. Estaríamos correndo o risco de apagar os traços deixados pelas ideias que se desenvolveram e contribuíram para a formação do campo. Da mesma forma, poderíamos incorrer no equívoco de crer apresentar novidades enquanto, antes de nós, outros pesquisadores já o teriam feito.

O presente trabalho, realizado nesse espírito de resgatar produções historiográficas anteriores às desenvolvidas no âmbito da disciplina Estudos de Tradução, partiu da afirmação de George Steiner de que, antes do contexto disciplinar dos Estudos de Tradução, já havia uma historiografia da tradução. Delimitando nossa investigação ao contexto francês, estabelecemos as seguintes questões norteadoras:

(1) havia demanda social para obras de historiografia da tradução no século XIX? Quais eram e de onde partiam essas demandas? (2) Que obras foram publicadas? Quem as escreveu? Qual a natureza de seu conteúdo? Sob os critérios atuais, tais obras podem ser consideradas constitutivas de um *corpus* de obras historiográficas da Tradução?

Para responder a elas, distribuímos nosso artigo em três seções. A primeira trará alguns pontos dos modelos de análise historiográfica de Brigitte Lépinette, que contemplam os pressupostos teóricos de que partimos. A segunda, visando responder ao primeiro conjunto de questões, apresentará, através de documentos históricos, a natureza das demandas por uma historiografia da tradução. Por fim, a terceira seção trará uma visão panorâmica das obras recolhidas na investigação, que corroboram a afirmação de Steiner e contribuem para a Historiografia da Tradução, importante ramo dos Estudos de Tradução.

2. Modelos de análise historiográfica de Brigitte Lépinette

Brigitte Lépinette, professora no departamento de Filologia Francesa e Italiana da Universidade de Valência, organizou uma elegante³ teoria para estudos históricos da tradução, com base em modelos, objetos e técnicas de investigação. Contemplando diferentes interesses e possibilidades de pesquisa, após realizar um exame crítico das produções em *Historiografia da Tradução*, apresenta dois grandes modelos: o *sociológico-cultural* e o *histórico descritivo*.

O *sociológico-cultural* toma o fenômeno *tradução* em seu contexto social e cultural de produção e recepção. Visa determinar e avaliar as consequências da tradução na história da cultura nacional a que se destina. As relações causais seriam o eixo desse modelo historiográfico (LÉPINETTE, 2015, p. 142).

Dando continuidade à definição, o modelo *histórico-descritivo* foi distribuído pela autora em dois submodelos: O *descritivo-comparativo*, que é centrado nas teorias da tradução, ou “*en los diferentes conceptos a los cuales se articulan estas teorías*” e sua “*evolución en el tiempo*”; e o *descritivo-contrastivo*, que analisa as muitas traduções de um mesmo texto de partida (LÉPINETTE, 2015, p. 143).

Em relação aos objetos da *Historiografia da Tradução*, Lépinette sugere que eles são selecionados a partir do modelo de análise adotado pelo pesquisador, apesar de deixar claro que nada impede que possa servir a qualquer um dos modelos. As técnicas, seguindo esse caminho, têm relação direta com a escolha do modelo e do objeto de pesquisa.

O modelo *sociológico-cultural* tem como objeto privilegiado o *peritexto*, isto é, “*todos los acontecimientos y fenómenos que acompañan la producción de un texto o de un conjunto de textos traducidos, y su aparición en un contexto socio-cultural receptor que determinará las características de la traducción y permitirá explicar su influencia*”. Em relação a técnicas de pesquisa, o historiador deve centrar-se em questões bibliográficas, em fontes primárias e secundárias e, de acordo com a época estudada, realizar catalogações e inventários antes de analisar os dados disponíveis (LÉPINETTE, 2015, p. 144-145).

O objeto do modelo *descritivo-comparativo* são os *metatextos*, isto é, “*el conjunto de las reflexiones sobre la traducción, los escritos teóricos del pasado que permiten el análisis de los conceptos metatraductológicos*.” Em termos de técnicas de análise desse modelo, Lépinette propõe: buscar nas fontes o percurso de um conceito metatradutológico ao longo do tempo; mapear o conjunto de conceitos metatradutológicos em um mesmo texto; e comparar o percurso de um ou vários conceitos metatradutológicos com conceitos de outras disciplinas, como a linguística, por exemplo (LÉPINETTE, 2015, p. 146-147).

O objeto do *descritivo-contrastivo* são textos de partida e suas traduções, podendo ser o binômio texto de partida + um texto de chegada, ou um texto de partida + vários textos de chegada de diversos tradutores de um mesmo contexto histórico ou de distintas épocas. As técnicas apontadas pela autora em relação a esse modelo envolvem a descrição das estratégias tradutoras através de: um *enfoque global*, de caráter textual, que considera o texto de partida como um todo e o

³ Para a noção de elegância teórica e coerência estética como teoria de verdade ver Weinberg (1996).

contrasta com o texto de chegada; um *enfoque seletivo*, que elege um aspecto relevante do texto de partida e o contrasta com o seu correspondente no texto de chegada; e um enfoque *micro-tradutológico* que é centrado “en la organización discursiva del texto y en los medios que la manifiestan.” (LÉPINETTE, 2015, p.148-149).

3. Demandas por historiografia da Tradução no século XIX

A presente seção visa responder ao primeiro conjunto de nossas questões de pesquisa: (1) havia demanda social para obras de historiografia da tradução no século XIX? Quais eram e de onde partiam essas demandas?

Para construir a resposta, utilizamos como *corpus* de pesquisa jornais, periódicos científicos e periódicos voltados ao livro e à literatura publicados em língua francesa no século XIX e disponibilizados na biblioteca virtual *Gallica*. Nele foi possível recolher passagens que indicam a demanda por obras de Historiografia da Tradução no período. Observamos dois tipos de demandas, que podemos chamar de abertas e de específicas.

As demandas abertas foram observadas em três momentos durante os primeiros anos da década de 1840. As demandas específicas aconteceram na segunda metade do século XIX e adinham de concursos com questões predeterminadas para a construção de estudos históricos sobre tradução.

3.1 Demandas abertas

A primeira passagem foi recolhida da *Revue des Deux Mondes*. Fundada em 1829 com intenções transnacionais, isto é, voltada a publicar reflexões sobre a literatura das Américas e da Europa por articulistas dos dois continentes, é considerada a revista mais antiga em circulação na Europa (L’HISTOIRE, s.d.). Em 1841 Jean-Jacques Ampère iniciou seu artigo sobre o célebre tradutor renascentista Jacques Amyot, na seção *Anciens Auteurs Français*, da seguinte forma:

A história da tradução seria longa e curiosa para escrever. Que induções filosóficas e literárias um observador judicioso não tiraria da natureza e do número de obras traduzidas em cada época, em cada língua! Quanto interesse haveria em procurar os motivos que determinam um povo ou um tempo a se apropriar de um escritor em vez de outro!⁴ (AMPÈRE, 1841, p. 747).

Antes de voltar-se ao seu biografado, Ampère dedica algumas páginas a sustentar a importância desse tipo de estudo. Lembra que a literatura turca deve muito às traduções de obras árabes e persas e que a literatura sagrada do Tibete reproduziria as obras budistas indianas escritas originalmente em sânscrito; que os tártaros teriam traduzido as principais obras chinesas para fundar a própria literatura. Afirma que os gregos pouco traduziram, mas produziram fonte de obras a

⁴ L’histoire de la traduction serait longue et curieuse à écrire. Que d’inductions philosophiques et littéraires un observateur judicieux ne tirerait-il pas de la nature et du nombre des ouvrages traduits à chaque époque, dans chaque langue! Quel intérêt n’y aurait-il pas a rechercher les motifs qui déterminent un peuple ou un temps à s’approprier tel écrivain plutôt que tel autre! (todas as traduções são nossas).

serem traduzidas pelos romanos. Destaca o fato de que as primeiras traduções dos autores da Antiguidade Clássica foram feitas pelos franceses e que, a partir delas, grande número de traduções inglesas foi produzido. Afirma ainda que Amyot “não deve ser considerado isoladamente, mas ligado a toda família de tradutores franceses que, há mais de um século, começaram a transmitir em nossa língua e, através dela, para outras línguas da Europa, os principais autores gregos e latinos.”⁵ (AMPÈRE, 1841, p. 747-749).

Trechos do artigo de Ampère reaparecem em 1844 no *Bulletin de l'Alliance des arts*. Tendo seu primeiro número em 1842, o *Bulletin* era dirigido por Paul Lacroix, conhecido como Bibliophile Jacob e por Théophile Thoré. A intenção da sociedade que agregava bibliógrafos, artistas e comerciantes, ao publicar o boletim, era “aprimorar e facilitar as transações, comerciais ou não, envolvendo principalmente livros e pinturas”⁶. Além disso, buscava divulgar as obras literárias e pictóricas, e tinha como meta instruir os vendedores de livros, negociar bibliotecas e coleções de arte e promover a confecção de catálogos por parte de reconhecidos *experts*. O boletim seria o “órgão oficial da grande e bem-aventurada família dos colecionadores”⁷ (LACROIX; THORÉ, 1842, p.1-2).

Um trecho do texto de Ampère, que citamos acima, é usado, sem que o autor seja referenciado, na edição de janeiro de 1844 do *Bulletin de l'Alliance des arts*: “**A história da tradução seria longa e curiosa para escrever.** [...] Abordaremos apenas um pequeno canto desse vasto quadro; explicaremos como uma obra francesa, famosa na Idade Média, atravessou os Pireneus”⁸ (LACROIX, 1844, 240, grifo nosso).

Lacroix tenta responder à questão ainda atual em relação às traduções: por que uma obra ultrapassa as barreiras nacionais e é traduzida para outras línguas? Gabando-se de ter obtido uma informação que o “sábio Ebert, a quem pouca coisa escapou”⁹ não teve acesso, o autor descreve a descoberta de uma raríssima tradução da obra *Arrêts d'amour* em espanhol. No exemplar do século XVI, o próprio tradutor, Diego Gracian, explica em seu prefácio que o motivo de ter escolhido uma obra leve sobre uma *cour d'amour* medieval foi para relaxar depois de traduções “mais sérias” que havia realizado de obras de Plutarco, Xenofonte, Ambrósio e Tucídides (LACROIX, 1844, p. 240).

No ano seguinte, outra menção à necessidade de uma obra de historiografia da tradução é feita, então em um dos mais importantes periódicos sobre livros (publicado ainda hoje): o *Bulletin du bibliophile*. Recebendo um acréscimo no nome em 1858, passando a ser chamar *Bulletin du bibliophile et du bibliothécaire*, sempre se voltou aos “homens estudiosos e aos espíritos descobridores”¹⁰ (NODIER, 1834, p. 7). No número de janeiro de 1845, em uma pequena notícia intitulada *The Memoires of Philip Commines*, o bibliógrafo e editor Gustave Brunet escreve:

⁵ [...] ne doit donc pas être considéré isolément, mais être rattaché à toute famille de traducteurs français qui, depuis plus d'un siècle, avaient commencé à faire passer dans notre langue, et par elle dans les autres langues de l'Europe, les principaux auteurs grecs et latins.

⁶ [...] améliorer et faciliter les transactions commerciales et autres qui concernent principalement les livres et les tableaux [...].

⁷ [...] moniteur officiel de la grande et bienheureuse famille des collectionneurs.

⁸ L'histoire de la traduction serait longue et curieuse à écrire. [...] Nous n'aborderons qu'un tout petit coin de ce vaste tableau ; nous dirons comment un ouvrage français, célèbre au moyen âge a passé les Pyrénées.

⁹ [...] savant Ebert, à qui si peu de choses ont échappé [...].

¹⁰ [...] hommes studieux et aux esprits découvreurs [...].

Esta tradução de Commines não tem nenhum valor; se eu a menciono aqui, é porque me oferece a oportunidade de insistir em transmitir o interesse e a utilidade que uma história da tradução poderia oferecer. Nada seria mais digno de atenção, mais fecundo em novos panoramas sobre o desenvolvimento intelectual dos diversos povos, do que o estudo dessas *passagens* de escritores famosos de uma língua para outra¹¹ (BRUNET, 1845, p. 757).

Brunet, após afirmar o “interesse e a utilidade” de uma história da tradução, em poucas linhas apresenta uma lista cronológica de traduções em diversos idiomas, além da inglesa que dá título à notícia, das obras de Commines, diplomata e memorialista da corte de Luis XI. Obviamente, já no século XIX se sabia que listas cronológicas de traduções não caracterizam uma historiografia da tradução. Mas o autor da notícia nos dá uma pequena mostra do material rico para reflexões que se tem em uma simples cronologia de obras.

3.2 Demandas específicas

Na segunda metade do século XIX, duas importantes instituições, o governo belga e a francesa *Société des Études Historiques*, estabeleceram como tema de seus concursos a história da tradução.

Na Bélgica, o governo havia, desde 1840, instituído diferentes concursos para avaliar a educação do país. No *Concours Universitaire*, questões eram preestabelecidas para que os alunos respondessem algumas em casa e outras *in loco*. Em 1858, na Faculdade de Filosofia e Letras, a área de Filologia propôs a seguinte questão para ser respondida no domicílio: *Fazer a história das traduções francesas de autores gregos e latinos, durante os séculos XVI e XVII*¹². O laureado na área foi Frédéric Hennenbert com seu texto, obtendo 118 pontos dos 120 possíveis (DISCAILLES, 1882, p.472).

Já na França, sempre houve interesse da *Société des Études Historiques* por tradução. Fundada em 1834, chamava-se *Institut Historique de France* até 1871 e tinha entre seus quadros nomes ligados à tradução, como François-René de Chateaubriand e Samuel Cahen, tendo diversas resenhas críticas de seu periódico sobre o tema (MACEDO; REUILLARD, 2016).

Em 1888, *Société des Études Historiques* ofereceu um prêmio de mil francos a quem realizasse o melhor texto sobre o tema: *Estudo histórico sobre a tradução francesa dos principais clássicos gregos e latinos, desde meados do século XVIII até os dias atuais*¹³. Um roteiro distribuído em quatro partes foi proposto pelos organizadores, o que revela a quão específica era essa demanda:

¹¹ Cette traduction de Commines n'a aucune valeur ; si je la mentionne ici, c'est qu'elle m'offre l'occasion d'insister en passant sur l'intérêt et l'utilité que pourrait offrir une histoire de la traduction. Rien ne serait plus digne d'attention, plus fécond en aperçus nouveaux sur le développement intellectuel des divers peuples, que l'étude de ces passages des écrivains célèbres d'une langue dans une autre.

¹² Faire l'histoire des traductions françaises d'auteurs grecs et latins, pendant le XVI^e et le XVII^e siècles.

¹³ Etude historique sur la traduction en langue française des principaux classiques grecs et latins, notamment depuis le milieu du XVIII^e siècle jusqu'à nos jours.

- 1º Apresentação preliminar do que é uma tradução ou teoria da arte de traduzir;
- 2º Exame das traduções francesas de autores gregos e latinos, dos ensaios do século XV até os dias atuais;
- 3º Comparação dos vários processos aplicados à arte da tradução;
4. O século XIX se encontra nas condições históricas e estéticas mais favoráveis para a tradução?¹⁴ (TALBOT, 1889, p.132).

O século XIX manteve a “paixão pelo grego clássico e a cultura romana considerados expressões definitivas da liberdade” durante a Revolução Francesa (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 221), o que pode explicar o interesse da história da tradução e de sua teoria sempre estar voltado às traduções dos clássicos da Antiguidade.

4. Obras de Historiografia da Tradução publicadas no século XIX

Na presente seção, serão apresentadas as três obras sobre História da Tradução publicadas no século XIX, em língua francesa: *Essai sur Amyot et les traducteurs français au XVI^e siècle*, de Auguste de Blignières, publicada em 1851; *Histoire des traductions françaises d’auteurs Grecs et Latins, pendant le XVI^e et le XVII^e siècles* de Frédéric Hennebert, publicada em 1861; e *Histoire de la Traduction en France: auteurs Grecs et Latins*, de Justin Bellanger, publicada em 1892. A primeira obra é uma resposta às demandas abertas, já as outras duas são respostas às demandas específicas por historiografia da tradução.

Na medida em que Lépinette propõe seus modelos de análises historiográficas com base em um exame crítico das produções da área e entendendo que os dois modelos (o *sociológico-cultural* e o *histórico descritivo*) implicitamente já condicionavam os enfoques dos historiadores da Tradução (LÉPINETTE, p.141-142), é lícito testá-los em obras historiográficas do passado. Assim, é possível verificar se elas já indicavam em sua organização, em sua agenda de pesquisa e resultados, a existência do campo e, ao mesmo tempo se corroboram a afirmação de Steiner de que a Historiografia da Tradução já era uma realidade no século XIX.

4.1 Essai sur Amyot

A partir da primeira demanda aberta (2.1) sobre uma Historiografia da Tradução que, segundo depreendemos do nosso *corpus* de análise, teve Ampère como autor, uma série de estudos sobre Amyot foram realizados. Todavia, todos eram de caráter biográfico. Ao estudo já citado do próprio Ampère, de 1841, seguiram-se *Notice sur Amyot*, por Léon Feugère (1846), *Eloge d’Amyot*, por Amédée Pommier (1849), e *Essai sur Amyot et les traducteurs français au XVI^e siècle*, por Auguste de

¹⁴ 1º Exposé préliminaire de ce qu’est une traduction, ou théorie de l’art de traduire. 2º Examen des traductions françaises des auteurs grecs et latins, depuis les essais du XVe siècle jusqu’à nos jours. 3º Comparaison des divers procédés, appliqués à l’art de traduire. 4º Le XIXe siècle est-il dans les conditions historiques et esthétiques les plus favorables à la traduction

Blignières (1851). De todos eles, este último pode ser considerado uma obra histórica e tradutológica, além de biográfica.

Certamente influenciado por Ampère a quem trata como o “crítico que gostamos de tomar como guia”¹⁵ (BLIGNIÈRES, 1851, p.86), o autor do *Essai* distribui sua obra de 466 páginas em seis partes, sendo a primeira o *Eloge d’Amyot* de Amédée Pommier; a segunda, uma biografia de Amyot; a terceira, dividida em 12 capítulos, um estudo sobre suas obras; a quarta, cartas inéditas assinadas por Amyot; a quinta, fragmentos de algumas de suas traduções; e a sexta é um extenso conjunto de notas e esclarecimentos.

Ao considerarmos os modelos de Lépinette, essa obra se insere no *sociológico-cultural*. Apesar de o personagem Amyot ser central nessa produção historiográfica, sua biografia não é a finalidade, mas um fio condutor que perpassa a história dos textos de partida, os contextos sociais e políticos que envolveram a decisão de traduzi-los, a história das traduções de Amyot, os efeitos na língua e na literatura francesas de muitas dessas traduções, entre outros.

Outro fator que indica esse modelo como implícito ao seu trabalho foi a catalogação de documentos como fragmentos de traduções e cartas inéditas, e a organização de um extenso *corpus* de análise, contemplando documentos que iam além dos textos de partida e de chegada. Agindo assim, Blignières preparou um conjunto de fontes historiográficas que alicerçaram sua obra e também permitem que outros historiadores possam analisá-las, buscá-las e testar as proposições do autor.

4.2 Histoire des traductions françaises

Frédéric Hennenbert ainda era aluno da Universidade de Gand, na Bélgica, quando sua obra foi impressa em 1861. Laureado no *Concours Universitaire* belga de 1858, certamente influenciou empreitadas como a do prêmio oferecido pela *Société des Études Historiques* anos mais tarde.

Com 257 páginas, o texto é distribuído em duas partes. A primeira abarca o século XVI e a segunda o XVII. Todavia, sua periodização interna dos séculos parte das análises das traduções e de alguns tradutores incontornáveis.

O primeiro capítulo da obra trata do Renascimento; nele o autor informa que, na França, os sábios pesquisavam manuscritos antigos e se dedicavam ao estudo das línguas mortas, e que a *Imprimerie Royale* e o *Collège de France* teriam favorecido o progresso intelectual do período. A tradução teria como missão ajudar a “regeneração do idioma” e “abrir, para a multidão ignorante, os tesouros intelectuais da antiguidade”¹⁶ (HENNENBERT, 1861, p.8-11).

A partir do segundo capítulo, familiarizamo-nos com sua periodização. A primeira etapa seria a das traduções em prosa da primeira metade do século XVI, e Amyot marcaria a transição para a segunda etapa, a das traduções em prosa da segunda metade do século. Já as traduções em poesia também são distribuídas nas duas metades do século, tendo como figura de divisão de períodos os poetas da *Pléiade*¹⁷.

¹⁵ [...] critique que nous aimons a prendre pour guide [...].

¹⁶ [...] régénération du langage [...] ouvrir à la foule ignorante les trésors intellectuels de l’antiquité.

¹⁷ A Pléiade foi um grupo de sete poetas franceses do século XVI, que tinham a ambição de renovar a língua francesa e torná-la independente do latim. Era formado por Pierre de Ronsard, Joachim Du Bellay, Jean-Antoine de Baïf, Rémy Belleau, Étienne Jodelle, Pontus de Tyard e Jean Dorat.

Na segunda parte da obra, Hennenbert distribui os tradutores entre os livres, aqueles que se permitiam realizar significativas mudanças em relação ao texto de partida, e os fiéis, que produziam suas traduções tentando manter um vínculo estreito com o texto em sua forma e conteúdo. O expoente da tradução livre no século XVII teria sido Nicolas Perrot d’Ablancourt, seguido por Louis Giry, Patru e Pierre Du Ryer. Entre os tradutores fiéis, o autor destaca Amelot de la Houssaye e François Cassandre. Após dedicar um capítulo aos tradutores de Port-Royal como Arnaud d’Andilly e Lemaître Saci, Hennenbert trata das traduções em verso e em especial as traduções de Homero naquele século.

A obra é historiograficamente coesa. O autor apresenta ao leitor uma obra rica de citações, trechos de traduções e uma sequência de notas de rodapé repleta de referências bibliográficas e informações sobre documentos consultados que sustentam sua narrativa e sua análise. Se testarmos os modelos de Lépinette, encontraríamos elementos do *sociológico-cultural*, quando o autor analisa as mudanças causadas pelas traduções na cultura de chegada. Mas também há elementos *histórico-descritivos*, pois ele busca contrastar as traduções dos clássicos por diferentes tradutores.

Evidentemente marcado pela perspectiva tradutória de sua época, Hennenbert reflete sobre tradutores e traduções a partir da noção de fidelidade, entendendo que o progresso paulatinamente teria levado a traduções mais “fiéis”. Nesse sentido, aceita a infidelidade das traduções do século XVI, quando a literatura francesa está bebendo do grego e do latim para se consolidar, mas condena os tradutores do século XVII, que teriam incorrido em “um erro premeditado” desfigurando os clássicos “para agradar leitores de romances”¹⁸ (HENNENBERT, 1861, p.258).

4.3 Histoire de la Traduction en France

O estudo que venceu o prêmio da *Société des Études Historiques* de 1889 foi o de Justin Bellanger. Teatrólogo e poeta, Bellanger foi agraciado, pouco tempo depois, por outra láurea relacionada à tradução, o *Prix Jules Janin* de 1893 da Academia Francesa, por seu trabalho na obra *La Guerre des Gaules* de Júlio César.

A sua *Histoire de la Traduction en France* foi inicialmente publicada em três números no periódico da *Société*: um em 1891 e dois em 1892 (ano da primeira edição da obra). As suas 90 páginas contemplam uma periodização bem comum ao espírito teleológico oitocentista. Partindo de um período “primitivo” (séculos XIV a XVI), passa pelo segundo (século XVII, com o “advento” Amyot), terceiro (século XVIII) e quarto (de Dureau de laMalle a Burnouf), até chegar ao quinto período, o dos “modernos”, em que a tradução atinge a “perfeição” (BELLANGER, 1892, p. 3).

Diferentemente das duas outras obras, a *Histoire* de Bellanger tem um caráter mais ensaístico, analisando obras traduzidas, refletindo sobre a língua francesa, o progresso da atividade tradutória e lançando mão de autores antigos e de críticos literários contemporâneos a ele. Seu texto é extremamente erudito e repleto de informações históricas importantes para a tradução; no entanto, peca por não trazer referências pormenorizadas às fontes documentais, primárias ou secundárias, de sua pesquisa. Sem nenhuma nota de rodapé, faz uso apenas do nome dos autores consultados e de citações diretas entre aspas.

¹⁸ [...] une faute préméditée[...] pour plaire aux lecteurs de romans.

A narrativa central de Bellanger é o percurso cronológico que a atividade da tradução foi realizando até chegar a seu ponto alto do século XIX. Ele aponta Nicolas Oresmes como precursor de toda atividade tradutória francesa, com sua tradução da obra aristotélica, mas condena a atividade dos tradutores do período “primitivo” por terem “desfigurado” a Antiguidade Clássica (BELLANGER, 1892, p.4-19).

Suas reflexões sempre partem dos grandes tradutores. Para ele, as traduções de Amyot foram a que exerceram maior influência nos trabalhos do século XVI (BELLANGER, 1892, p. 16). O estilo de Madame Dacier, por sua vez, dominou todo o século XVII e, segundo o autor, “elevou a tradução ao nível de uma religião e o papel do tradutor ao nível de um apóstolado”¹⁹ (BELLANGER, 1892, p. 31). O grande nome do século XVIII foi, para ele, Dureau de la Malle que, “rico e ligado a todas as celebridades do mundo da ciência e das artes, tinha condições excepcionalmente favoráveis para se dedicar a um trabalho de grande fôlego”²⁰, como sua tradução de Tácito, que demorou quinze anos para ficar pronta (BELLANGER, 1892, p. 53). Jean-Louis Burnouf é considerado pelo autor como um dos grandes renovadores do método de traduzir e que teria marcado o início escola de tradução vigente no século XIX (BELLANGER, 1892, p. 61).

Por outro lado, a obra pode ser inserida no modelo chamado por Lépinette de *histórico descritivo contrastivo*, pois sua preocupação está nas mudanças da forma de se traduzir os clássicos ao longo do tempo. Para isso, recorreu a diferentes traduções dos mesmos textos de partida, como obras de Homero, Tácito, Cícero e Tucídides.

5. Considerações finais

Com os dados apresentados, o presente artigo pôde comprovar a afirmação de George Steiner sobre a existência de uma historiografia da tradução anterior ao contexto disciplinar dos Estudos de Tradução. Ao longo do século XIX, houve demanda social para obras de historiografia da tradução. As demandas abertas partiram de periódicos literários principalmente na década de 1840, cujo resultado foi a publicação da obra *Essai sur Amyot*, de Auguste de Blignières, que se encaixa no modelo *sociológico-cultural* de Lépinette. Através de prêmios institucionais, com questões pontuais sobre história da tradução, demandas específicas surgiram na segunda metade do século XIX. A partir dessas demandas foram produzidas as obras *Histoire des traductions françaises* de Frédéric Hennebert e *Histoire de la Traduction en France* de Justin Bellanger, ambas apresentando características do modelo *histórico descritivo*.

Apesar de ter se constituído como disciplina acadêmica nas últimas décadas do século XX, os objetos de reflexão dos Estudos de Tradução, e de seu ramo Historiografia da Tradução, ou, pelo menos, parte deles, lhes são anteriores. Há muito o que pesquisar, em fontes documentais, livros e periódicos, antes de fincarmos balizas temporais sobre as origens do campo.

Referências

¹⁹ [...] a élève la traduction à la hauteur d'une religion et le rôle du traducteur à la hauteur d'un apostolat.

²⁰ [...] riche, et lié avec toutes les célébrités du monde des sciences et des arts, se trouvait placé dans des conditions exceptionnellement favorables pour se livrer à un travail de longue haleine.

- AMPÈRE, J.J. Amyot. *Revue des deux mondes*, Paris, v.4, n. 26, p. 747-733, 1841.
- BASSNETT, S. (1980). *Estudos de Tradução*. Trad. Sônia Terezinha Gehring et al. Porto Alegre: Ufrgs, 2005.
- BELLANGER, J. *Histoire de la traduction en France*. Paris: Thorin, 1892.
- BRUNET, G. The Memoires of Philip Commines. *Bulletin du bibliophile*, Paris, v. 7, n. 13, p. 757-758, 1845.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. (Org.). Os tradutores na História. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- DISCAILLES, E. *Histoire des concours généraux de l'enseignement primaire, moyen et supérieur en Belgique (1840-1881)*. Bruxelas: Wesseinbruch, 1882.
- HENNENBERT, F. *Histoire des traductions françaises*. Bruxelas: Lesigne, 1861.
- HURTADO ALBIR, A. *Traducción y Traductología*. Madrid: Cátedra: 2007.
- LACROIX, P. Notice sur la traduction espagnole des Arrêts d'Amour de Martial d'auvergne. *Bulletin de l'Alliance des arts*, Paris, v.2, n.15, p. 240, 1844.
- LACROIX, P.; THORÉ, T. Agence centrale. *Bulletin de l'Alliance des arts*, Paris, v.1, n.1, p. 1-3, 1842.
- LÉPINETTE, B. La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos. In: LÓPEZ, P. O.; PINILLA, J. A. S. *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 2015.p. 139-152.
- MACEDO, C. C. Q.; REUILLARD, P. C. R. A tradução nos primeiros anos do Institut Historique de France (1834-1846). In: ARENDT, J. C. et al. (org.). SEMANA DE LETRAS, 27, 2016, Caxias do Sul. *Anais*. Caxias do Sul: UCS, 2016, p.182-192.
- NODIER, C. Prospectus. *Bulletin du bibliophile*, Paris, v.1, n.1, p. 1-8, 1834.
- L'HISTOIRE de la Revue des Deux Mondes. *Revue des Deux Mondes*. Disponível em <<http://www.revuedesdeuxmondes.fr/qui-sommes-nous/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.
- STEINER, G. (1973). *Depois de babel*. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: UFPR, 2005.
- TALBOT, E. Rapport sur le prix Raymond. *Revue de la Société des Études Historiques*, Paris, v. 55, n.3, 132-144, 1889.
- WEINBERG, S. *Sonho de uma teoria final: a busca das leis fundamentais da natureza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.